

# CORPO EMBRANQUECIDO: A PERFORMANCE NEGRA COMO LUGAR DE VISIBILIDADE DOS CORPOS INSURGENTES

## WHITED BODY: THE BLACK PERFORMANCE AS A PLACE OF VISIBILITY OF INSURGENT BODIES

Rodrigo Severo dos Santos<sup>8</sup>

**RESUMO:** O presente texto tem por objetivo apresentar ações performativas de artistas afrodiáspóricas que abordam em suas obras gestos críticos sobre a política do branqueamento. A ideologia racista do branqueamento se torna presente no Brasil após a Abolição da escravatura. Ela foi entendida como projeto de nação defendida pelas elites brancas em meados do século XIX, e começo do século XX, que pretendia atingir uma higienização moral e cultural da sociedade brasileira por meio do clareamento da população. Dentre as performances elencadas neste estudo, encontram-se três ações que refletem sobre o branqueamento: Antônio Obá (*Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo*, 2015), Musa Michelle Mattiuzzi (*Merci Beaucoup, Blanco!* 2015), e Renato Felinto (*White Face and Blonde Hair*, 2012). Para análise das ações, percorro um itinerário teórico, partindo dos estudos sobre branqueamento e branquitude no Brasil a partir de autores como Maria Aparecida Silva Bento (2012), Abdias Nascimento (2017), Lourenço Cardoso (2014), Lia Vainer Schucman (2012), Kabengele Munanga (1986) dentre outros (as).

**PALAVRAS-CHAVE:** Performance negra; Política do branqueamento; Artistas afrodiáspóricas; Corpo negro.

**ABSTRACT:** The present text aims to present performative actions of aphrodiasporic artists who approach in their works critical gestures about the bleaching policy. The racist ideology of whitening becomes present in Brazil after the abolition of slavery. It was understood as a project of a nation defended by white elites in the mid-nineteenth and early twentieth centuries, which aimed to achieve a moral and cultural sanitation of Brazilian society through the whitening of the population. Among the performances listed in this study are three actions that reflect on whitening: Antônio Obá (*Acts of Transfiguration: Disappearance or Recipe to Make a Saint*, 2015), Musa Michelle Mattiuzzi (*Merci Beaucoup, Blanco!* 2015), and Renato Felinto (*White Face and Blonde Hair*, 2012). To analyze the actions, I walk a theoretical itinerary, starting from the studies on whitening and whiteness in Brazil from authors such as Maria Aparecida Silva Bento (2012), Abdias Nascimento (2017), Lourenço Cardoso (2014), Lia Vainer Schucman (2012), Kabengele Munanga (1986), among others.

**KEYWORDS:** Black performance; Laundering policy; Aphrodiasporic artists; Black body

### **BRASIL: O CORPO EMBRANQUECIDO**

A ideologia do branqueamento foi uma política incorporada pelo Estado que se tornou presente no Brasil após a Abolição da escravatura.

---

<sup>8</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (ECA-USP). [rodrigosevero2007@yahoo.com.br](mailto:rodrigosevero2007@yahoo.com.br)

Entendida como projeto de nação defendida pelas elites brancas em meados do século XIX, e começo do século XX, ela pretendia atingir uma higienização moral e cultural da sociedade brasileira por meio do clareamento da população. Essa política baseada nas teorias eugenistas sustentava a tese de transformar uma “raça inferior” numa “raça superior”, uma vez que a população negra foi responsabilizada pelo atraso e pela “pré-modernidade” em que se encontrava o Brasil na época. Branquear seria uma forma de solucionar o problema nacional: o negro. Segundo Cardoso (2014, p. 50), “o ideal do branqueamento contém em sua matriz a lógica da superioridade branca e da inferioridade negra”. Para Carone (2014, p. 16) tal ideário se constituía como “uma espécie de darwinismo social, o qual apostava na seleção natural em prol da ‘purificação étnica’, na vitória do elemento branco sobre o negro, com a vantagem adicional de produzir, pelo cruzamento inter-racial, um homem ariano plenamente adaptado às condições brasileiras”.

Bento e Carone (2002) colocam que o branqueamento foi uma pressão cultural exercida por uma hegemonia branca com o intuito de fazer com que o negro recusasse a si mesmo, no corpo e na mente, como uma espécie de destituição de si, de apagamento da memória para se integrar uma nova ordem social. O Projeto de branquear pressupunha a existência de uma nação branca, que por meio do processo de miscigenação, iria destituir o negro da nação brasileira, supondo-se, assim, que a opressão racial acabaria com a raça negra pelo processo de branqueamento. Questão evidenciada por Abdias Nascimento quando afirma que:

Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da “mancha negra”; da operatividade do “sincretismo” religioso; à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária- manipulando todos esses métodos e recursos - a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro. Monstruosa máquina ironicamente designada “democracia racial” que só concede aos negros um único “privilégio”: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora. A palavra-senha desse imperialismo da brancura, e do capitalismo que lhe é inerente, responde a apelidos bastardos como *assimilação*, *aculturação*, *miscigenação*; mas sabemos que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes (NASCIMENTO, 2017, p. 111 grifos do autor).

Nesse processo de embranquecer, ao mesmo tempo em que há todo um fortalecimento da autoestima e da legitimidade do corpo branco em detrimento dos demais, há também um investimento na construção de um imaginário negativo sobre o negro, que fragmenta a sua identidade racial, danifica a sua autoestima, autoimagem, culpa-o pela discriminação, preconceito e desigualdades raciais. Dentro desta perspectiva, a psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman argumenta que “o branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é também produtor ativo dessa estrutura, através dos mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento” (SCHUCMAN, 2012, p. 14).

A filósofa, escritora e ativista Sueli Carneiro (2015) discute que até hoje o ideal de branqueamento tem função e sentido para a população brasileira. Porque ele está imposto ao imaginário social pela cultura dominante através da exibição permanente de seus símbolos, que expressam os seus sucessos materiais e simbólicos como demonstração de sua superioridade “natural”, cotejados sistematicamente com os símbolos de estigmatização da negritude, seu contraponto necessário.

Analiso abaixo duas performances que refletem sobre as políticas do branqueamento: *Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo* (2015), de Antônio Obá, e *Merci Beaucoup, Blanco!* (2015), de Musa Michelle Mattiuzzi.

## **ATOS DA TRANSFIGURAÇÃO: DESAPARIÇÃO OU RECEITA PARA FAZER UM SANTO?**

Antonio Obá (1983) é artista visual, performer e professor de Arte nascido na Ceilândia, cidade satélite de Brasília (DF). Suas produções artísticas investigam temáticas recorrentes como o sincretismo religioso, a miscigenação, as raízes afro-brasileiras, o erotismo, a sexualidade mítica negra, a política de branqueamento dentre outras.

Em *Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo?*, o artista desnudo, tritura uma imagem de gesso da santa Nossa Senhora Aparecida, considerada pelo catolicismo como “Mãe de Deus e Padroeira do Brasil”, transformando-a em um fino pó branco com o qual ele cobre o seu corpo negro, produzindo, segundo Obá, novos significados que criticam o racismo velado da sociedade brasileira. Vejamos o que o artista fala sobre o trabalho:

A performance *Atos da Transfiguração: desaparecimento ou receita para fazer um santo* (2015), intenta discutir a historicidade dos processos de branqueamento na formação étnica brasileira. Reporta, evidentemente aos projetos de branqueamento populacional por meio da miscigenação, como também pelos processos de aculturação, com vistas a privilegiar os

cânones colonizadores [...]. Assim, um princípio norteador para acessar a performance, refere-se ao branqueamento étnico e também o branqueamento dessas matrizes afro-brasileiras que ainda estão submetidas a uma visão preconceituosa e, quando não, aparece sobre um espectro sutil, comercialmente atrativo e exótico [...] (OBÁ, 2018).

A sua performance teve uma grande repercussão nacional porque seu trabalho foi reduzido por grupos político-religiosos como sendo um ataque a símbolos da religião católica e o artista recebeu diversas ameaças de morte no Brasil. Líderes políticos, religiosos e grupos conservadores protestaram contra a ação performativa do artista, produzindo insultos e vídeos que foram viralizados pedindo a sua detenção, em que as reportagens o chamaram de “artista anti-cristão”.

Na realidade brasileira do pós-abolição, o país era considerado atrasado (SCHWARCZ, 1993) porque a escravidão fora tratada como um sistema arcaico que atrapalhou o desenvolvimento econômico e social do país. A elite, com os médicos, cientistas sociais, políticos, econômicos, jornalistas com uma visão nacionalista, conservadora e autoritária, visualizava a eugenia como uma ciência capaz de trazer a “solução” para o desenvolvimento do país e o seu respectivo “progresso”. A salvação do país aconteceria pela criação de uma “raça brasileira” gerada pela exclusão das raças ditas como inferiores para se construir uma identidade nacional.

A eugenia foi colocada como política institucionalizada que visava uma transformação social na realidade brasileira na qual havia resquícios do sistema escravista, mas que queria adentrar aos moldes da “modernidade” e “progresso” baseado em um determinismo biológico, científico e tecnológico. Para a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (1993) o país, pensado pelos eugenistas como um corpo homogêneo e saudável, deveria passar por um processo acelerado de mudança, cujos prognósticos faziam alguns eugenistas brasileiros partilharem do sonho de transformar a população local mestiça em uma população pura, modificada em suas características físicas e morais.

A partir do trabalho do artista, é possível pensarmos sobre o processo de higienização do povo brasileiro. A higienização do Brasil acontece pelo corpo de Obá. O seu corpo em cena ao longo da performance aparece camuflado por um pó branco que borra sua identidade racial, o que pode ser lido como uma tentativa de eliminação do seu corpo negro. Se o local primordial da miscigenação é o corpo, é usando seu próprio corpo como local de discurso estético que o artista protesta contra a “limpeza racial” que a política de exclusão da mestiçagem objetiva por que ela era o caminho para o embranquecimento progressivo populacional. O pó branco é uma metáfora do “sangue branco” que no decurso do tempo purificaria o “sangue negro”, permitindo a eliminação física e cultural dos negros e a formação gradativa de um povo homogêneo: “branco”, “civilizado” e “humanizado”.

A performance de Obá aponta para uma naturalização da violência do Estado direcionada contra os corpos negros no Brasil. O seu trabalho estético nos faz refletir sobre o processo de desumanização que passou o corpo negro e de como a eugenia como pseudociência que visava a “melhora” do ser humano, biológica e socialmente, mascarava o racismo científico ao eleger os brancos europeus como superioridade biológica, sustentando a tese de que o negro era inferior biologicamente e, por isso, deveriam ser exterminados por completo do construto social brasileiro.

Suas performances chamam a atenção para a história do ocidente ao criticar as estruturas do colonialismo, os 300 anos de escravidão brasileira e a repressão religiosa aos cultos populares de origem africana. O seu corpo funciona como o nódulo de convergência que une o individual e o coletivo, o privado e o social, a memória e o conhecimento. O artista propõe reflexões íntimas sobre o seu corpo miscigenado, negro, preto que atualiza o passado colonial ao dialogar com narrativas que problematizam a história do Brasil vista de um corpo subalternizado marcado pela violência colonial e pós-colonial que finca os pés nas raízes de uma tradição ainda marginalizada. Ele traz pela estética a memória do passado para dentro do presente ao revelar violentos processos históricos de exclusão de identidades étnicas:

A performance *Atos da Transfiguração: desaparecimento ou receita para fazer um santo* (2015), intenta discutir a historicidade dos processos de branqueamento na formação étnica brasileira. Reporta, evidentemente aos projetos de branqueamento populacional por meio da miscigenação, como também pelos processos de aculturação, com vistas a privilegiar os cânones colonizadores [...]. Assim, um princípio norteador para acessar a performance, refere-se ao branqueamento étnico e também ao branqueamento dessas matrizes afro-brasileiras que ainda estão submetidas a uma visão preconceituosa e, quando não, aparece sobre um espectro sutil, comercialmente atrativo e exótico [...] (OBÁ, 2018).

Um dos pontos centrais da análise de *Atos da Transfiguração: Desaparecimento ou Receita para Fazer um Santo* (2015), que nos faz pensar acerca da formação social do Brasil e do conseqüente processo de genocídio e extermínio do povo negro, diz respeito à ideologia do branqueamento que visava liquidar o negro. Tratando sobre esta política, Kabengele Munanga (1999) evidencia que o seu processo desembocaria numa sociedade uniracial, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica:

Uma tal sociedade seria construída segundo o modelo hegemônico racial e cultural branco ao qual deveriam ser assimiladas todas as outras raças e suas respectivas produções culturais. O que subentende o genocídio e o etnocídio de todas as diferenças para criar uma nova raça e uma civilização, ou melhor, uma verdadeira raça e uma verdadeira civilização brasileiras, resultantes da mescla e da síntese das contribuições dos

stocks raciais originais. Em nenhum momento se discutiu a possibilidade de consolidação de uma sociedade plural em termos de futuro, já que o Brasil nasceu historicamente plural. (MUNANGA, 1999, p. 90).

*Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo* recupera ideias racistas do branqueamento que circulavam no Brasil no início do século XX, época de plena hegemonia do racismo científico, nas quais se visavam construir uma identidade nacional baseada na herança branca europeia como referência que orientaria a formação da sociedade brasileira, negando qualquer possibilidade de se pensar em alguma identidade alternativa, fundamentada na herança negra de origem africana. O seu corpo em cena nos conta a história da identidade nacional brasileira construída por meio do apagamento dos traços de africanidade, pois, como mencionado, o negro era considerado sinônimo de inferioridade, impureza, degeneração. Obá performatiza, desse modo, o passado ao mesmo que tempo que nos leva para o presente, uma vez que o Brasil da vida real, do nosso dia a dia, ainda é hostil com os negros, tentando das mais diversas formas e tecnologias possíveis apagar os vestígios e as memórias da cultura africana.

## MERCI BEAUCOUP, BLANCO!

Musa Michelle Mattiuzzi é performer, escritora e pesquisadora. Graduada em Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em performance na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Os trabalhos da artista subvertem o lugar “exótico” atribuído ao corpo da mulher negra pelo imaginário cisnormativo branco, que o transforma numa espécie de aberração, entidade dividida entre o maravilhoso e o abjeto. Ela trata das questões sobre racialidade e do racismo estrutural a partir das suas obras ao problematizar o corpo negro com sua múltipla pluralidade étnica ainda visto pela ótica racista com valores morais e éticos depreciativos.

Em *Merci Beaucoup, Blanco!* (2015), ela explicita o desejo de branqueamento ainda difuso na sociedade brasileira. Na performance seu corpo está desnudo, vestindo *scarpins* vermelhos, usa uma máscara de flandres semelhante à da Escrava Anastácia que tapa a sua boca. A máscara feita com ralos de pia está presa no seu rosto com longas agulhas que ao serem retiradas, deixam o sangue escorrer pelo seu rosto e pelo seu corpo escorrendo em cima da tinta branca.

A sua ação, como a própria artista descreve, é

[...] pinte-se de branco. Me aproprio da cor branco e componho imagens com o corpo em movimento, as chamo de ações em performance arte” [...] *Merci Beaucoup, Blanco!* é um fragmento de um gesto mínimo, um ruído constante que incomoda e marca o tempo de repetir. O corpo fica branco,

a máscara alva; o gesto vai ganhando sentido intensamente, até se multiplicar (MATTIUZZI, 2018).

*Merci Beaucoup, Blanco!* começou a ser desenvolvida logo após a sua formação em Comunicação das Artes do Corpo. Este trabalho representou uma forma de questionar as violências simbólicas e reais que o ideal de embranquecimento infundido sutilmente à população afro-brasileira causou no seu histórico de vida, na sua formação artística e acadêmica, e de como, consciente ou inconsciente, foi necessário vestir a “máscara branca” para produzir e acessar os espaços de arte. No que toca sua formação, Michelle afirma: “é interessante que o pintar de branco tem essa coisa de pensar a minha criação totalmente eurocêntrica e hegemônica. Eu sou formada pela Pontifícia Universidade Católica, os meus professores todos foram brancos [...]” (MATTIUZZI, 2013). A artista nos faz pensar sobre o tema da educação e a racialidade no Brasil, de como a noção de branqueamento adotado no final do século XIX; as políticas e as práticas nas escolas estiveram enraizadas no pensamento eugênico nacional que tinha como objetivo “transformar uma população geralmente não-branca e pobre em pessoas embranquecidas na sua cultura, higiene, comportamento, e até, eventualmente, na cor da sua pele” (DÁVILA, 2006, p. 13).

Durante a performance, a artista, já toda embranquecida, tira da sua vagina uma espécie de longo colar branco. Em cima de um banco giratório, ela vai fazendo movimentos e exibindo seu corpo todo coberto pela tinta branca. Ela trata por meio da experiência estética do violento ideal de branqueamento pulverizado na sociedade brasileira. Firmando o trabalho como uma estratégia poética de luta política contra um sistema de mundo no qual a opressão de gênero é racializada e oriunda de uma lógica colonial, capitalista e heterossexista (BACELLAR, 2016).

É na perspectiva de problematizar essa violência pós-colonial, que a performance de Mattiuzzi se debruça. Seu corpo atua como máquina de guerra. A imagem do corpo negro sendo pintado de branco revela o ideário do branqueamento como uma das diversas estratégias de eliminação da população negra que acontece pelo genocídio, pela exclusão territorial, pela desigualdade, pelo apagamento/silenciamento, pela apropriação cultural, pelo epistemicídio, entre outros métodos até pela expropriação e fragmentação da sua identidade.

Nessa perspectiva, o dispositivo estético proposto por Mattiuzzi nos faz lembrar que o desejo do branqueamento da raça se encontra latente no imaginário social brasileiro que acontece pela rejeição do negro de si próprio como uma tentativa de fuga dos estereótipos associados negativamente aos não brancos na sociedade ocidental (SCHUCMAN, 2012). O que pode ser lido tanto como uma tentativa de dificultar a construção política de uma identidade negra, quanto como uma lógica operativa de fazer com que o discurso do opressor seja capturado e introjetado pelo oprimido e assumido como

discurso de verdade para si: como tentativa de garantia da homogeneidade do sistema social vigente e de manter os privilégios simbólicos e materiais da branquitude.<sup>9</sup>

A máscara de flandres no rosto da artista semelhante à da Escrava Anastácia é um dos elementos centrais da sua ação por que ela nos reporta para uma memória histórica e uma experiência social traumática que o sistema colonial nos deixou. A artista multidisciplinar Grada Kilomba (2019, p. 33) lembra que a “máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos”. Para autora, a principal função da máscara era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura dos escravizados.

A máscara, como símbolo da violência escravagista, é usada pela artista para tratar dos regimes brutais de silenciamento, da invisibilidade, da negação da humanidade dos/as chamados/as “Outras/os” (KILOMBA, 2019). Durante a experiência estética, quando a artista retira a máscara, simbolicamente ela rompe com as correntes, os açoitos, grilhões para denunciar o encarceramento e as dificuldades que as mulheres negras tem de falar e de ser escutadas dentro de uma sociedade estruturada pelo racismo, sexismo e pelo colonialismo.

Ver a artista tirar às agulhas presas em sua própria boca e seu sangue escorrendo pelo seu corpo pintado de branco, causa-nos um choque porque nos leva para o adensamento das nossas emoções. É uma experiência perturbadora que nos perfura, desestabiliza, desorienta, desarticula gerando em nossos corpos efeitos impossíveis de serem controlados e assimilados rapidamente. Assim temos em *Merci Beaucoup, Blanco!* “a eliminação de um discurso mais racional e a utilização mais elaborada de signos fazem com que o espetáculo de performance tenha uma leitura que é antes de tudo uma leitura emocional” (COHEN, 2011, p. 66). Certamente Michelle Mattiuzzi performatiza a memória traumática da escravidão brasileira com uma estratégia poética que nos coloca num jogo entre o passado e o presente da violência colonial.

---

<sup>9</sup> Em “Entre o ‘encardido’, o ‘branco’ e o ‘branquíssimo’: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana” (SCHUCMAN, 2012, p. 23), a psicóloga Lia Vainer Schucman aponta para a necessidade de se estudar a branquitude como consciência identitária e como categoria social para análise do racismo, pois, intencionalmente ou não, a identidade branca tem um papel fundamental na manutenção e legitimação das desigualdades raciais. [...] a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. Por isso, é necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades (SCHUCMAN, 2012, p. 23).

Podemos pensar que o programa de performance de Mattiuzzi, ao pintar seu corpo negro com tinta branca usando uma máscara de flandres presa na sua boca por agulhas ataca de forma estética a ideia violenta, racista e a falaciosa da superioridade racial branca. Ideia construída social e culturalmente como parâmetro de humanidade, de pureza artística, de nobreza estética, de condição universal e essencial de acesso ao mundo, que gera processos históricos, socioeconômicos e psicossociais de exclusão social e moral dos sujeitos negros.

As representações sociais do negro, tal como percebemos hoje, está implícito de “relações racistas de poder” (QUIJANO, 2009, p. 73) nas quais prevalecem narrativas hegemônicas, capazes de representá-lo dentro de uma identidade fixada em estereótipos negativos que o inscreve num paradigma de inferioridade em relação aos brancos. O que é sempre uma imagem construída a partir da ótica do branco, de um ser-capturado-pelo-outro, ou seja, uma construção de imagem inventada sobre o “outro”. Para Sueli Carneiro (2005, p. 125 grifos da autora) “o racismo, posteriormente, se apoiará no imaginário aterrorizante construído pelos europeus sobre o africano e a África pela intensificação do corpo negro como portador do mal [...]”.

A performance de Mattiuzzi se apropria e subverte as imagens criadas pela branquitude para causar um desconforto racial nas pessoas brancas. Ao trazer para cena uma experiência de ser negra em uma sociedade cujos padrões estéticos e morais são determinados pela ideologia dominante branca racista. Ela faz do corpo político, do trauma poético, da autodestruição protesto de vida, da história hegemônica uma contra narrativa que nos leva a refletir sobre a complexidade cultural, temporal, geográfica, histórica e étnica do Brasil por meio do seu corpo embranquecido. “[...] Durante muito tempo eu falei que meus trabalhos são para pessoas brancas [...]. Eu falava isso porque eu queria criar um constrangimento no espaço da branquitude com toda violência que eles apontam para gente [...]” (MATTIUZZI, 2018<sup>10</sup>). Ela sai do corpo omissivo para se impor no espaço performativo e devolver por meio da estética, o constrangimento, a destruição, a vergonha e a hostilidade que a população negra vivencia cotidianamente. Podemos dizer que em sua performance denúncia o racismo, modos de subjetivação do racismo e estratégias de superação do racismo ao nos elucidar as estruturas do “racismo à brasileira” que mantém a desigualdade racial. Temos na performance de Mattiuzzi um corpo político na medida em que ela desestabiliza os discursos estabelecidos pela supremacia racial, colocando sua própria existência negada

---

<sup>10</sup> MATTIUZZI, Michelle. *Ciclo de diálogos das Artes Visuais Negras em São Paulo: Olhos Que Giram - Encruzilhadas Arte Políticas*. Local: Aparelha Luzia (2018). Este texto é uma transcrição de uma gravação feita por mim da fala da artista Musa Michelle Mattiuzzi ao analisar o processo de criação das suas performances em especial *Merci, Beaucoup Blanco!*. O encontro foi realizado no dia 10 de maio de 2018, e estavam compondo a mesa de discussão além da artista, o Designer de Experiência Visual Apolinário e a Multiartista Aretha Sadick, tendo como mediação Erica Malunguinho.

como afirmação de um ato poético e político.

Assim, as duas performances nos permitem refletir acerca da importância do corpo negro como forma de questionar e problematizar os estereótipos negativos e as representações distorcidas sobre o “ser negro” na sociedade brasileira. Elas estabelecem novas estéticas/políticas que nos fazem refletir sobre como o legado desse sistema de pensamento hegemônico, escravocrata, ocidental, cristão, racista, heterossexual, branco, patriarcal eurocêntrico ainda se faz vigente na cultura do Brasil.

## REFERÊNCIAS

BACELLAR, Camila Bastos. Performance e Feminismos: diálogos para habitar o corpo-encruzilhada. *Urdimento*, v. 2, n. 27, p. 62-77, Dezembro 2016. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/viewFile/8637/6504>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CARDOSO, Lourenço. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. 290 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do outro como não-Ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (Org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de criação*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: Editora Cobogó, 2019.

MATTIUZZI, Musa Michelle. *Musa Mattiuzzi Performer*. 2019. Disponível: <https://musamattiuzzi.wixsite.com/musamattiuzzi/>. Acesso em: 02 jan. 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MUSA Mattiuzzi. *Musa Mattiuzzi Performer*. 2018. Disponível: <https://musamattiuzzi.wixsite.com/musamattiuzzi>. Acesso em: 05 dez. 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOGUEIRA, B. Izildinha. *Significações do Corpo Negro*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

OBÁ, Antonio. *Entrevista com Antônio Obá*. Entrevistador: Rodrigo Severo. São Paulo: 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 31.03.2019

Aceito em 06.08.2019